

14323 - A posição do gênero na agricultura familiar de base agroecológica: um estudo de caso

The position of the gender in the family agriculture agroecological base: a case study

SILVA, Adilson Tadeu Basquerote¹

1 UDESC, abasquerote@yahoo.com.br

Resumo: Na atualidade, a agroecologia tem se mostrado como uma possibilidade significativa de renda para agricultores/as rurais e de qualidade de consumo para as populações que desejam alimentos ecológicos. A parcela de agricultores/as que optam por este tipo de produção é pequena mesmo existindo demanda de mercado. É neste contexto que o trabalho objetiva identificar a posição do gênero na agricultura familiar da Associação de Produtores Agroecológicos Semente do Futuro do município de Atalanta (SC). Para tal, foi realizada uma pesquisa qualitativa com base na coleta de dados por meio de entrevistas não estruturadas realizadas com homens e mulheres, membros da Associação. Segundo os relatos, a posição de gênero no interior da Associação é bastante equitativa havendo diferenciação de posição, mas não de valor nas atividades exercidas. Por fim, as ações futuras da Associação envolvem homens e mulheres e evidenciam que é possível igualdade de gênero na agricultura familiar.

Palavras-chave: Gênero; Associação; Agricultura Familiar; Agroecologia.

Abstract: Today, agroecology has proven to be a significant possibility of income for farmers from rural areas and quality of consumption for the populations who wish ecological food. The portion of farmers who opt for this type of production is small even if there is market demand. In this context, this paper aims to identify the position of gender in family agriculture of the Association of Agro ecological Seed of the Future from the city of Atalanta (SC). For such, we conducted a qualitative study based on collecting data through unstructured interviews conducted with men and women, members of the Association. According to reports, the position of the gender within the association is fairly equitable having differentiating position, but not the value of activities carried out. Finally, the future actions of the association engage men and women, and show that it is possible to have gender equality in family agriculture.

Keywords: Gender; Association; Family Agriculture, Agroecology.

Introdução

Agricultura familiar historicamente é responsável pelo abastecimento alimentar de grande parte da população, por agregar e absorver mão de obra e manter as características do meio rural. Nas últimas décadas vem sofrendo alterações por apresentar desinteresse das populações envolvidas e por mudanças na posição de gênero em sua estrutura.

Devido ao processo de modernização da agricultura, os conhecimentos agrícolas tradicionais vêm sofrendo alterações e manter a produção, a sucessão e renda mínima tem sido um desafio para a agricultura familiar.

Entende-se por agricultura familiar, “a idéia de uma identidade entre família e exploração” (LAMARCHE,1993). Abramovay (1998) considera três atributos básicos importantes na agricultura familiar: gestão, propriedade e trabalho familiar. Concebe

que a gestão da propriedade e a maior parte do trabalho é proveniente de indivíduos que mantêm, entre si, laços de sangue ou de casamento.

Entre os sistemas produtivos na agricultura familiar vem se destacando a agroecologia, que para Gliessmann (2001) é um sistema que busca desenvolver uma agricultura ambientalmente adequada, que valoriza o conhecimento local dos agricultores/as, a socialização desses conhecimentos e sua aplicabilidade objetivando a sustentabilidade. Deste modo, incorpora ideias que vão além das fronteiras convencionais, que para Altieri (1989, p.18): “[...] constitui uma estrutura teórica destinada a compreender os processos agrícolas de maneira ampla.”

Na agricultura familiar, historicamente o homem é o indivíduo responsável por todo o processo de trabalho. Já a participação feminina é vista como ajuda à produção que pertence ao homem e desse modo, evidenciando a divisão sexual do trabalho (WOORTMANN, 1995).

Brumer (2004), afirma que grande parte do trabalho da mulher permanece invisível na esfera produtiva, mesmo quando executa as mesmas atividades que os homens. Paulilo (1987) defende que por realizar as atividades domésticas, as mulheres não conseguem dedicar-se integralmente as atividades agrícolas, o que as leva a uma posição de coadjuvante do processo ou até mesmo as atividades são consideradas leves pelos homens.

É neste contexto que o presente trabalho objetiva identificar a posição do gênero na agricultura familiar existente na Associação de Produtores Agroecológicos Semente do Futuro do município de Atalanta (SC).

Metodologia

O presente trabalho baseou-se na pesquisa qualitativa de Bogdan e Biklen (1994), como pressuposto para investigar a posição dos homens e mulheres da Associação. Configura-se como estudo de caso baseado na definição de Yin (2001). Para obtenção de dados optou-se por utilizar a entrevista não estruturada com 11 membros (homens e mulheres) da Associação cujos nomes neste resumo são fictícios. A análise dos dados foi inspirada nos procedimentos da análise textual discursiva (MORAES e GALIAZZI, 2011) que objetiva produzir novas compreensões sobre fenômenos e discursos.

Resultados e discussões

A Associação de Produtores Agroecológicos Semente do Futuro situa-se no município de Atalanta, SC, na região do Alto Vale do Itajaí. Colonizado por descendentes de alemães e italianos, é um município essencialmente agrícola de base familiar que desde sua colonização sofreu com o desmatamento e a exploração do solo pela agricultura. Na década de 1990 inicia a primeira experiência de agricultura familiar de base agroecológica através desta Associação localizada nas comunidades de Alto Dona Luíza e Santo Antônio.

Inicialmente os produtores viviam em constantes incertezas, visto a dificuldade de transição do sistema tradicional para o agroecológico. Não havia um sistema

articulado de comercialização específico para o setor, bem como técnicas específicas que norteassem as atividades diárias e resolvessem os problemas decorrentes.

A opção pela agroecologia veio principalmente de sucessivas safras inexitosas e problemas de saúde relacionados ao uso de defensivos sintéticos. A fala de Maria (52 anos) trouxe à baila o contexto da agroecologia às famílias. Segundo ela, a proposta foi recebida com precaução. Afinal, trabalharam a vida toda da mesma forma, e a mudança gerou insegurança.

- (1) Maria: Meu marido estava com problemas de saúde devido aos venenos. Nós não queria sair pra cidade, conhecemos todo mundo aqui, temos nossas coisas, nossa casa que com suor do trabalho conseguimos comprá. Mas as safras não davam lucro e a gente estava desanimado. Foi então que surgiu a proposta de produzir na agroecologia e eu e ele conversamos, vimos que essa era nossa chance de mudar de vida, de virar a página. Outras pessoas pensavam do mesmo jeito e aí nasceu a Associação.

Os agricultores desejavam permanecer no campo, mas a situação era difícil. A decisão pela permanência com a produção agroecológica evidenciou uma significativa mudança na vida das famílias. Quando trabalhavam com agricultura nos moldes tradicionais, a produtividade necessitava ser alta e as jornadas laborais intensas, devido ao tamanho da área cultivada e o dinheiro só era recebido no fim da safra, quando a venda era feita e o marido é que era o responsável pelo dinheiro. Com a agroecologia mudou esta realidade, como relata a senhora Ana (63 anos):

- (2) Ana: Nossa vida mudou da água pro vinho. Não trabalhamos tanto, não temos contato com os venenos, nosso lucro é bom. Temos tranquilidade, mais tempo pra cuidar das nossas coisas. Nós nunca imaginava que de um pequeno pedaço de terra podíamos sobreviver com tanta fartura. Com a agroecologia produzimos bem menos, mas entra dinheiro toda semana. Hoje eu e meu marido temos o mesmo poder aqui em casa. Decidimos juntos o que plantar, como plantar e como gastar o dinheiro. Ele me ajuda e eu ajudo ele.

Na criação da Associação foi fundamental o diálogo entre o casal. Era necessário que um convencesse o outro de que a agroecologia era uma saída para mudarem sua situação. Mas para isso não poderiam trabalhar individualmente. João (56 anos) destacou a importância que teve o diálogo na tomada de decisão na adoção do sistema agroecológico.

- (3) João: Quando minha mulher veio com essa proposta de nós mudar pra agroecologia eu fiquei de pé atrás. E de formar uma Associação então, achei que não ia dar pé. Esse negócio de um ficar sabendo o que o outro planta, o que outro colhe, a quanto vende. Não estava acostumado combinar com ela o que fazer, mas como não via outra saída, resolvi experimentar. Hoje estou bem feliz e não me arrependo.

Outra característica marcante nas falas das mulheres foi o empoderamento que agroecologia lhes proporcionou. Esse empoderamento se deu em virtude da intensa participação delas na gestão das propriedades e da Associação, como explicita Paula:

- (4) Paula: Nós vamos em todas as reuniões, participamos da diretoria da Associação. Eu fui secretária várias vezes, a Ana foi tesoureira, a Paula conselheira e assim vai. Atualmente eu sou a presidente e fui eleita por votação por todos os membros sejam mulheres ou homens. Aqui em casa também é assim, a gente combina tudo que vai fazer, onde vai gastar ou investir o dinheiro. Não tem essa de eu só trabalhar e não saber de nada como era antes. É eu que faço as contas do dinheiro que entra e que sai, do que foi colhido ou vendido. Não tem diferença de valor no meu trabalho e no dele. As coisas mais pesadas ele faz. Eu faço as geleias e ele aplica os produtos alternativos no controle das pragas. Quando vêm as visitas técnicas eu explico as coisas da propriedade e ele fala de como se aplicam os produtos na lavoura. Eu acho importante o que ele faz e ele acha importante o que eu faço.

Participar da agroecologia proporcionou a estas mulheres um espaço para mostrar à sociedade o que elas eram capazes de produzir e a forma como produzem. As conversas explicitaram que elas têm consciência da visibilidade e da contribuição que seu trabalho tem dentro e fora de suas propriedades, quando relatam situações que acontecem nos pontos de venda, como por exemplo nas feiras,

- (5) Maria: A feira foi uma grande mudança na minha vida. Antes eu só trabalhava na roça e vinha pra casa, cuidava dos bichos, tirava o leite conversava com alguém diferente quando ia na missa ou ia pra cidade. Minha rotina era essa. Hoje não. Eu saio de casa, converso com outras pessoas, sei dos assuntos, vejo como os outros se comportam, se vestem, tenho amigos que nunca imaginei ter. Me sinto gente. Gosto do que eu faço e vejo que as pessoas valorizam isso.

A mudança no modo de se relacionar com a sua realidade, não foi percebida apenas por elas. Os maridos também perceberam o empoderamento gradativo que suas esposas foram adquirindo ao longo do tempo. Os relatos evidenciam que eles também consideram positiva esta mudança. José (60 anos) afirmou:

- (6) José: Minha mulher não é mais a mesma. Ela hoje conversa com todo mundo, entende mais as coisas. Nós temos uma relação de igual pra igual. Ela tá mais disposta. Eu percebo que com a agroecologia ela se sente mais importante por que as pessoas fazem com que ela se sinta assim. No dia de feira, se ela não vai, os clientes já ficam perguntando o que aconteceu.

Quanto às perspectivas futuras da Associação, é possível perceber que ampliará ainda mais a complementaridade de gênero, visto que, está em fase de conclusão a construção de uma cozinha multifuncional que servirá a todos os membros da Associação. Nela serão beneficiadas as frutas que dão origem as geleias, os sucos, as compotas, entre outros produzidos por eles e por elas em seu trabalho diário.

Conclusões

Identificando a posição do gênero na Associação citada, percebeu-se a posição que os homens e as mulheres tiveram em toda a trajetória, bem como as mudanças ocorridas neste processo. Verificou-se que para estes/as agricultores/as familiares, a agroecologia tem se mostrado uma alternativa viável e promissora e que a formação da Associação foi um esforço coletivo de homens e mulheres na busca da permanência no campo.

Evidenciou-se que a adoção do sistema agroecológico de produção resultou em mudança na forma em que os homens passaram a ver as mulheres e como as próprias mulheres concebiam sua vida e a partir daí, redefiniram sua posição e sua importância na sociedade através do empoderamento gerado a partir da emancipação e da visibilidade que seu trabalho proporciona, por abrir espaços para que elas atuem como sujeitos.

Certamente são os desafios a serem rompidos por estes homens e mulheres. Mas é inegável que se criou uma nova forma de fazer, organizar e viver a agricultura familiar e que eles e elas promoveram rearranjos familiares, autonomia econômica, política e social. Por fim, as ações desenvolvidas na APASF demonstram importantes avanços construídos na busca da promoção de igualdade entre homens e mulheres no meio rural evidenciando que quando as relações de gênero se equilibram, o mesmo ocorre com as relações de poder.

Referências bibliográficas

- ABRAMOVAY, Ricardo. Agricultura familiar e serviço público: novos desafios a extensão rural. Brasília. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v.5, n.1, p.137-157, jan/abr.1998.
- ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia**: as bases científicas da agricultura alternativa. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Lisboa: Porto Editora, 1994.
- BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis: V. 12, n. 1, p. 205-227. Jan./abr. 2004.
- GLIESSMANN, S.R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001
- LAMARCHE, H. (org.). **Agricultura familiar**: Comparação internacional. Campinas: Unicamp, 1993.
- PAULILO, M. I. O peso do trabalho leve. **Ciência Hoje**, v. 5, n. 28, jan/fev. 1987, p. 64-70
- MORAES, R.; GALIAZZI, M.C. **Análise textual discursiva**. 2.ed. Ijuí: Unijuí, 2011.
- WOORTMANN, E.; F. **Herdeiros, Parentes e Compadres**: colonos do Sul e sitiante do Nordeste. São Paulo: Hucitec, 1995.
- YIN, R. K. **Estudo de caso**: Planejamento e métodos. Tradução Daniel Grassi. 2 ed. Porto Alegre: Bookmann, 2001.